Dia 17 — São Lázaro, Bispo e Mártir

Martirológio Romano

Os santos mártires Floriano e Calânico e cinquenta e oito companheiros, em Eleutherópolis, na Palestina; os quais, no império de Heráclio, foram mortos às mãos dos sarracenos por confessar a fé de Jesus Cristo.

São Lázaro, bispo, em Marselha, na França, a quem ressuscitou o Senhor, como se lê no Evangelho. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São João de Mata, fundador da Ordem da Santíssima Trindade, redenção de cativos, em Roma; cuja festa, por decreto de Inocêncio XI, se celebra no dia 8 de fevereiro. (Veja-se sua história entre as daquele dia.)

São Sturmio, abade e apóstolo da Saxônia, no mosteiro de Fulda, a quem canonizou o papa Inocêncio II no concílio segundo de Latrão. (Morreu em 779.)

Santa Vivina, virgem, no mosteiro de Bigarden, junto a Bruxelas, cuja esclarecida santidade manifestam seus frequentes milagres.

Santa Olímpia, viúva, em Constantinopla (glória das viúvas da Igreja oriental: foi uma senhora de ilustre progênie e de opulenta fortuna. Nasceu no ano 368 e ficou órfã sob a tutela de Procópio, que parece ser seu tio; mas sua maior ventura foi haver sido educada por Teodósia, irmã de Santo Anfilóquio, virtuosíssima mulher, a quem São Gregório Nazianzeno chamava modelo perfeito de piedade. Era Olímpia ainda muito jovem quando casou com Nebrídio, tesoureiro do imperador Teodósio, o Grande, e algum tempo prefeito de Constantinopla; mas morreu aos vinte dias de casado. A Santa quis conservar-se viúva, não obstante o empenho de Teodósio para que aceitasse por esposo a Elpídio, cavaleiro espanhol, e dedicou-se inteiramente às obras de piedade e mortificação do corpo. Sua virtude era a admiração de toda a Igreja, como se infere do modo com que dela falam todos os prelados e homens grandes daquela era. Santo Anfilóquio, Santo Epifânio, São Pedro de Sebaste e outros mantiveram com ela uma fina correspondência. Nectário, arcebispo de Constantinopla, criou-a diaconisa; e São Crisóstomo, elevado àquela sé em 398, não teve menos respeito à santidade de Olímpia que seu predecessor. Morreu pelos anos de 408 rodeada de tribulações, merecendo a recompensa dos Confessores. Butler.)

Santa Begga, viúva, irmã de Santa Gertrudes, em Andenne, na abadia de Sete Igrejas. (Foi filha de Pepino de Landen, irmã mais velha de Santa Gertrudes de Nivelles, e casada com Ansegiso, filho de Santo Arnoldo, que foi algum tempo mordomo-mor do palácio e depois bispo de Metz. Morto seu marido numa caçada e depois de haver feito uma peregrinação a Roma, ergueu sete capelas em Andenne, sobre o Mosa, à imitação das sete igrejas principais de Roma. Também fundou um grande mosteiro à semelhança do que sua irmã governava em Nivelles, do qual lhe enviaram uma pequena colônia. Partiu para o Senhor no ano de 698. Butler.)

A trasladação de Santo Inácio, bispo e mártir, no mesmo dia, o terceiro que governou a igreja de Antioquia depois do apóstolo São Pedro: de Roma, onde padeceu este Santo imperando Trajano, foi trasladado seu corpo a Antioquia e colocado no cemitério da igreja, fora da porta chamada de Dafne, em cuja festa pregou ao povo São João Crisóstomo: depois voltaram a trasladar suas relíquias a Roma e depositaram-nas com suma veneração na igreja de São Clemente, junto com o corpo deste mesmo santo Papa e mártir.

São Lázaro, Bispo e Mártir

São Lázaro, aquele homem de milagre, a quem Jesus Cristo chama seu amigo, *Lazarus amicus noster*, e a quem este divino Salvador amava com uma ternura que era conhecida de todo o mundo, *Ecce quem amas*, era originário de Betânia, que era uma aldeia distante três quartos de légua de Jerusalém, residência ordinária de sua família, muito distinguida entre os judeus do país, já fosse pelos grandes bens que possuía, já por sua nobreza e antiguidade. Santo Antonino diz que seu pai se chamava Siro e sua mãe Eucária, os quais tiveram três filhos: Lázaro, que era o primogênito, e duas filhas, Marta e Maria. Tendo morrido o pai e a mãe, os filhos dividiram os bens entre si. Disse-se na vida de Santa Madalena que Lázaro e Marta herdaram os que tinham em Betânia e ao redor de Jerusalém, e que as terras e o castelo de Magdalo ou Magdelon, que estavam na Galileia, foram a herança de Maria.

Não se sabe com ponto fixo o tempo em que esta afortunada família teve a ventura de conhecer a Jesus Cristo pelo Messias tão ardentemente desejado e por tanto tempo esperado; nem tampouco quando começaram a segui-lo. É muito provável que foi uma das primeiras da Judeia que descobriu este tesouro escondido; e que Lázaro tinha uma vida tão regular segundo a lei, de quem, por causa da pureza de seus costumes, se podia dizer o que o Salvador disse de Natanael: que era um verdadeiro israelita em quem não havia dolo nem duplicidade; é provável, digo, que Lázaro, que era um homem de bem e temente a Deus e esperava a consolação de Israel, apenas houve ouvido falar do Salvador, ou apenas o houve visto, quando se fez seu discípulo.

Marta, que era uma donzela muito exemplar, seguiu muito logo o exemplo e os conselhos de seu irmão; e se Maria não teve tão cedo parte na mesma ventura, reparou bem esta perda por seu extremado amor e pela rigorosa penitência, de que foi daí em diante um pasmoso exemplo.

As instruções do Salvador fizeram maravilhosas impressões no coração e no espírito de Lázaro. Encontrando esta divina palavra uma terra tão bem preparada, isto é, uma alma casta e um

coração nobre e generoso, produziu abundantíssimos frutos. Derramando o Filho de Deus com abundância suas graças sobre o irmão e a irmã, fê-los muito logo dignos de sua benevolência e carinho. Jesus Cristo não passava por Betânia sem vir hospedar-se em casa deste discípulo privilegiado. As conversações familiares que tinha com o Salvador acenderam em seu coração um amor para com ele dos mais ardentes e mais ternos. A castidade, que fazia a São João o discípulo amado, fazia a São Lázaro o amigo do coração, sem que esta predileção do Salvador causasse os menores ciúmes entre os discípulos, ganhando e prevenindo todo o mundo em seu favor a mansidão, a humildade e a modéstia de nosso Santo. Sua casa servia de retiro ao Salvador quando pregava nas imediações, na qual tomava sua refeição e dormia à noite. O irmão e a irmã eram demasiado estimados do Salvador para não alcançar a conversão de Maria, sua irmã menor. Como esta morava em seu castelo de Magdelon, na Galileia, não havia aproveitado as visitas de Jesus Cristo; por outra parte, sua vida licenciosa era um grande obstáculo para que a graça obrasse em seu coração; mas as orações de Lázaro e Marta conseguiram a conversão de uma pecadora em cuja salvação eram tão interessados. O Filho de Deus ouviu favoravelmente suas afetuosas preces; e pregando em Betsaida e em Cafarnaum, povos vizinhos ao castelo de Magdelon, foi Maria ouvi-lo e converteu-se. Sabe-se a generosidade e o ruído com que ela mesma publicou sua conversão; a qual sem dúvida foi uma das mais insignes conquistas da graça. A amizade que o Salvador tinha com seu irmão foi causa da ventura da irmã, a qual desde aquele ponto deixou sua terra de Magdelon para viver em casa de seus pais, onde tinha a ventura de ver mais a miúdo o Salvador e aproveitar-se de suas santas instruções.

Pelos princípios do ano 30 de Jesus Cristo caiu Lázaro perigosamente enfermo em Betânia. Suas duas irmãs, sobressaltadas à vista do perigo, enviaram um expresso a fazer saber ao Salvador a enfermidade de seu irmão; o qual não lhe disse senão estas poucas palavras da parte de ambas: Senhor, olhai que o que amais está enfermo. Jesus Cristo contentou-se em responder-lhes pelo mesmo mensageiro que a enfermidade de seu irmão não devia dar-lhes cuidado, que não morreria dela absolutamente, que Deus queria ser glorificado nela e que por motivo desta enfermidade glorificaria o Senhor maravilhosamente a seu Filho. Esta resposta serenou por algum tempo as duas irmãs; mas surpreenderam-se muito ao ver que a enfermidade aumentava e que não vinha o soberano Médico. Com efeito, o Salvador permaneceu ainda dois dias no lugar onde estava e não partiu até que conheceu que seu amigo havia morrido. Então disse a seus discípulos: Voltemos à Judeia. Eles lhe responderam logo: Senhor, como te atreves a voltar tão cedo a um país onde há tão pouco tempo te queriam apedrejar? — Nosso amigo Lázaro dorme, replicou o Salvador, e quero ir despertá-lo. Não compreendendo os discípulos seu pensamento, disseram-lhe: Se dorme, é bom sinal, ele escapará desta enfermidade; imaginando-se que falava do sono ordinário, tão salutar aos enfermos; mas Jesus Cristo falava da morte de Lázaro. Então lhes disse abertamente: Lázaro morreu, e alegro-me de não haver-me encontrado em sua casa antes que morresse, por ter ocasião de afirmar-vos na fé com o mais estupendo milagre de que ides ser testemunhas: vamos ver em que estado está. Partiu, pois, Jesus para Betânia e afetou que não ia senão a curtas jornadas. Logo que esteve perto, vieram dizer-lhe que Lázaro havia já morrido e que já havia quatro dias que estava enterrado. Como Betânia não estava longe de Jerusalém, haviam vindo muitas pessoas dos arredores consolar Marta e Maria e chorar com elas a morte de seu irmão. Mas elas esperavam de outra parte seu consolo; só Jesus podia enxugar suas lágrimas. Com efeito, logo que Marta soube que vinha, deixou prontamente sua irmã e toda a visita para ir apresentar-se-lhe; e no ponto em que o viu, disse-lhe chorando: Senhor, se tivesses estado aqui, não teria morrido

meu irmão; mas com tudo não desespero de vê-lo ressuscitado. — Teu irmão ressuscitará, disse-lhe Jesus. — Sei, replicou Marta, que ressuscitará no último dia, quando se obrará a ressurreição geral. — Não sabes, disse-lhe o Salvador, que eu sou a ressurreição e a vida? Onde está tua fé? Ela, sem replicar, foi correndo a casa avisar sua irmã da chegada de seu divino Mestre, dizendo-lhe ao ouvido que havia chegado Jesus. Maria levantou-se logo e foi encontrá-lo. Vendo-a partir com tanta precipitação os que haviam ido visitá-la, seguiram-na, crendo que ia chorar sobre a sepultura de seu irmão. Maria encontrou o Senhor fora do lugar e, lançando-se a seus pés, disse-lhe: Ah, Senhor, onde estivestes? Que falta nos fizestes! Se houvésseis estado aqui, não teria morrido meu irmão. Ditas estas palavras, começou a chorar, e os judeus que a acompanhavam tampouco puderam conter suas lágrimas.

Este triste espetáculo enterneceu o Salvador de modo que a emoção de seu coração se manifestou no rosto. Onde o enterrastes?, disse-lhes, querendo com esta pergunta excitar mais sua fé e sua confiança. Vinde, Senhor, responderam as duas irmãs, vinde ver onde está enterrado. A estas palavras não pôde o Salvador conter suas lágrimas. O que fez dizer aos judeus: Olhai como o amava; e até houve alguns que disseram: Este que abriu os olhos a um cego de nascimento e que fez tantos milagres, não podia haver feito que Lázaro não morresse? Foi, pois, Jesus ao sepulcro, que era uma caverna numa rocha, coberta com uma grande pedra. Sua ternura não pôde deixar de prorromper em alguns suspiros; logo mandou que se tirasse a pedra que cobria a sepultura. A este tempo disse-lhe Marta que havia já quatro dias que estava enterrado e que não podia deixar de cheirar mal; ao que respondeu o Senhor: Não temas; não te disse já que, se tens fé, verás a glória de Deus? Tirou-se, pois, a pedra; e então Jesus Cristo, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, graças vos dou porque me ouvistes; pois ainda que sei muito bem que sempre me ouvis, disse isto pelos que estão aqui presentes, para que creiam que vós me enviastes e para que sua fé se avive e aumente. Depois destas palavras disse em voz muito alta: Lázaro, sai do sepulcro. Esta palavra devolveu a vida e o movimento ao defunto, o qual se levantou, saiu e começou a andar; mas como tinha ainda atados os pés e as mãos com as ataduras e o rosto coberto com o sudário com que havia sido enterrado, mandou Jesus que o desatassem e lhe tirassem o sudário. Um milagre tão portentoso encheu de admiração a todos os que se achavam presentes; os quais levantaram as mãos ao céu, exclamando cada um: Este é o verdadeiro Filho de Deus; este é o Messias prometido aos homens. A fama deste prodígio chegou muito logo a Jerusalém e se estendeu por toda a Judeia com tanto maior publicidade quanto Lázaro era homem de representação e muito conhecido em toda a província. Sua morte havia feito muito ruído; mas sua ressurreição deu ainda mais golpe. De todos os arredores vinham as gentes em tropas a ver esta prova sensível da vinda do Messias. Não se falava em todas as partes deste novo Profeta senão com admiração, e todo o mundo começou a crer nele; o que excitou ainda mais contra ele o ódio dos escribas e fariseus.

Depois deste grande milagre, querendo o Salvador evadir-se da multidão de gentes que acudiam a ele todos os dias, retirou-se com seus discípulos a Efrém, cidade imediata ao deserto da Judeia. Mas seis dias antes da última Páscoa que celebrou com seus discípulos, querendo aproximar-se de Jerusalém, voltou a Betânia, onde foi convidado a comer por um dos mais ricos vizinhos, chamado Simão. Lázaro foi um dos convidados e um dos principais do convite; e como se houvesse espalhado por todo o país a chegada do Salvador a Betânia, foram ali muitos judeus, não só por ter a satisfação de ouvir a Jesus Cristo, mas também por ver Lázaro com seus próprios olhos. Este homem voltado do outro mundo era um pregador que, sem dizer palavra, dava a conhecer a todo o

povo o poder e a santidade do que lhe havia dado segunda vez a vida. Só sua presença dava tanto golpe no coração de muitas pessoas que, convencidas da verdade, renunciavam e se desenganavam dos erros dos saduceus e davam de mão às superstições judaicas. Nosso Santo, que era um dos mais fiéis e mais zelosos discípulos de Jesus Cristo, não contribuía pouco a estas conversões com suas exortações e sua presença.

Os príncipes dos sacerdotes conceberam tanta raiva contra Lázaro que, olhando-o desde então como seu inimigo, porque era o maior amigo do Salvador, resolveram desfazer-se dele. Sem dúvida teriam executado seu pernicioso desígnio se não houvessem temido dar ao Salvador ocasião de fazer um novo milagre que os confundisse e envergonhasse mais. Creram que era necessário começar por fazer morrer aquele que havia ressuscitado a Lázaro; e isto é o que executaram poucos dias depois.

O Evangelho não nos diz nada mais de nosso Santo. É certo que entre todos os discípulos de Jesus Cristo foi São Lázaro um dos que tiveram mais parte, tanto nas humilhações como em sua glória. A ternura com que o Salvador o amava e o amor que nosso Santo tinha ao Salvador, o insigne benefício que havia recebido dele e sua fidelidade constante em segui-lo fizeram-no muito sensível às dores e ignomínias de sua morte, como também à glória de seu triunfo. Amando-o São Lázaro tão extremadamente, não se duvida de que seria uma das testemunhas ordinárias de suas aparições depois de sua ressurreição e de que receberia o Espírito Santo com os Apóstolos e demais discípulos no dia de Pentecostes. Tendo o furor dos judeus contra os discípulos de Jesus Cristo feito morrer a Santo Estêvão, o primeiro mártir, excitou-se uma furiosa perseguição contra todos os fiéis, na qual foram lançados de Jerusalém, e a maior parte precisados a sair da Judeia; mas a raiva dos príncipes dos sacerdotes e de todos os que ocupavam os primeiros postos entre os judeus descarregou com mais particularidade contra Lázaro e sua família. Nenhuma coisa os confundia mais nem provava mais invencivelmente que haviam tirado a vida ao Messias, ao verdadeiro Filho de Deus, que este homem ressuscitado enquanto estivesse em vida. Fazê-lo morrer era um delito que manifestava sua injustiça e sua impiedade. Era Lázaro um homem de qualidade, irrepreensível em seus costumes, que não podia ter outro delito que ser amigo de Jesus Cristo e haver sido ressuscitado por meio do mais insigne milagre. Deixá-lo na Judeia era deixar uma prova viva da divindade do Salvador e de seu horrendo deicídio; e assim tomaram o partido de fazer desaparecer Lázaro e suas irmãs, que durante a sublevação do povo de Jerusalém contra os fiéis se haviam retirado a Jope, hoje Jafa, cidade marítima distante seis ou sete léguas de Jerusalém; e tendo-os metido numa nau muito maltratada, sem leme, sem mastros, sem petrechos, com todos os fiéis que se encontraram com eles, expuseram-nos desta sorte a um evidente naufrágio. Isto nos dizem muitos antigos manuscritos, fundados numa antiga e piedosa tradição, como se disse na história da vida de Santa Madalena e de Santa Marta.

A divina Providência, que tira sempre sua glória dos desígnios mais sinistros e mais malignos dos inimigos de Jesus Cristo, permitiu que esta nau aportasse ditosamente às costas de Marselha. Esta maravilha aturdiu aqueles povos gentios, naturalmente corteses e tratáveis, e dispôs os espíritos para ouvir umas gentes a quem o céu protegia de uma maneira tão visível. Não se duvida de que os Apóstolos consagraram bispos a maior parte dos discípulos de Jesus Cristo antes de espalhar-se pelo universo; e sobretudo a Lázaro, como o mais ilustre e mais privilegiado de todos os discípulos. Logo que esta santa colônia de heróis cristãos desembarcou, anunciaram a fé de Jesus Cristo

naquela célebre cidade, que depois de Roma era das mais consideráveis do mundo havia seiscentos anos. São Lázaro, que sabia bem que Deus o havia destinado para ser apóstolo dela e seu primeiro pastor, deu logo mostras de seu zelo. Marselha era então muito célebre, não só por sua antiguidade, mas também por suas vitórias, por sua aliança com os romanos e por sua academia. As ciências e as artes floresciam nela, e havia grande número de pessoas hábeis a quem se confiava a educação da juventude de todas as Gálias e ainda de Roma; o que adquiriu a Marselha o nome de cidade das ciências e aos antigos marselheses a glória de haver civilizado quase toda a Gália e haver aumentado e dado lustre à Religião. A esta ilustre cidade foi a quem deu o Senhor por primeiro bispo a São Lázaro, seu grande amigo. O bom acolhimento que faziam aos estrangeiros nela deu a nosso Santo toda a liberdade de anunciar a seus habitantes as divinas verdades do Evangelho; ouviram-no com gosto no princípio e muito logo com admiração: um ar nobre e gracioso, uns modos suaves, afáveis e corteses; uma religião tão pura, tão santa, tão racional; uma moral que, regulando o coração e o entendimento, retificava a razão; uma doutrina sustentada e confirmada com toda espécie de milagres: tudo isto fez triunfar muito em breve a fé de Jesus Cristo e converter-se a ela um prodigioso número de pessoas. São Lázaro via aumentar-se todos os dias seu rebanho: seu maravilhoso zelo conseguiu que em menos de um ano se levantasse a religião cristã e se fundasse em todas as partes sobre as ruínas do paganismo. Viu-se quanto contribuíram a esta milagrosa obra Santa Madalena e Santa Marta com suas palavras e seus exemplos. O célebre templo de Diana, convertido com o tempo numa igreja com o título de Nossa Senhora Maior, que é a catedral, é um augusto monumento deste insigne triunfo do Cristianismo sobre os pagãos e do prodigioso zelo de São Lázaro. No século IV cria-se já que tinha trinta anos quando foi ressuscitado, e as atas da igreja de Marselha lhe dão trinta anos de episcopado, durante os quais o santo Bispo fez um prodigioso número de conversões, derrubou muitos templos dedicados aos falsos deuses e fez em pedaços uma pasmosa multidão de ídolos.

Crê-se que foi no império de Vespasiano quando o procônsul, que havia sido enviado a Marselha por governador, infatuado das superstições pagãs, solicitado pelos sacerdotes dos ídolos, raivosos por ver sua reputação e suas rendas reduzidas a nada depois que São Lázaro converteu à fé de Jesus Cristo uma parte da cidade, mandou prender o santo Bispo e, tendo-o feito comparecer perante seu tribunal, lançou-lhe em rosto com um tom áspero tudo o que havia feito contra a religião e o culto dos deuses do império.

Depois, com um ar colérico e dominante, disse-lhe: É preciso ou que sacrifiques a nossos deuses ou que percas a vida entre os maiores suplícios. — Pelo que diz respeito ao sacrifício, respondeu o Santo, não posso oferecê-lo senão ao verdadeiro Deus; e tu, senhor, tens demasiadas luzes para não ver que o que chamas teus deuses não merecem sacrifícios; pelo que diz respeito ao último suplício com que me ameaças, sei que não me pode suceder coisa mais doce nem mais gloriosa que dar a vida por aquele que me a devolveu a mim depois de havê-la perdido e que se dignou morrer por mim para que eu viva eternamente. O Prefeito, irritado com esta generosa resposta, fê-lo despedaçar com látegos armados de pontas de ferro, com tanta crueldade que seu corpo ficou feito uma só chaga. Acabado este cruel suplício, encerraram-no num horrível calabouço: creu-se que este tormento o teria feito negar a fé; mas tendo-lhe perguntado de novo o Prefeito se permanecia ainda em sua crença e tendo-o encontrado sempre mais inflexível, mandou atá-lo a um poste e atravessá-lo de uma multidão de flechas; mas Deus lhe conservou a vida em meio deste suplício. Cada chaga, dizem as atas de seu martírio, era uma boca que publicava a glória e o

poder de seu Deus. Aplicaram-lhe depois sobre o corpo lâminas de ferro feitas brasas: o tormento era espantoso, mas a constância do Santo não se diminuiu nem afrouxou um ponto. Finalmente, corrido o Juiz de ver-se vencido da paciência heroica do Santo, mandou que lhe cortassem a cabeça, o que se executou a 17 de dezembro do ano 72 de Nosso Senhor Jesus Cristo, aos setenta e três de sua idade e trinta de seu episcopado. Seu corpo foi enterrado pelos Cristãos numa cova com os ornamentos pontificais de que se servia na celebração dos divinos mistérios. Vê-se ainda o horrível calabouço onde foi encerrado no célebre mosteiro de religiosas de São Bento, chamado São Salvador, diante do qual está a praça onde lhe cortaram a cabeça.

Guarda-se com muita veneração na igreja catedral de Marselha a cabeça de São Lázaro num relicário de prata sobredourada, que passa pelo mais rico e de mais belo gosto que há na França. Assegura-se que no ano 957 o resto de suas relíquias foi levado a Autun pelo bispo Vivaldo, no reinado de Lotário, rei da França. O certo é que se conserva em Marselha, na mesma caixa onde está esta preciosa cabeça, um escrito muito antigo, feito por um sacerdote que parece haver sido sacristão desta igreja e firmado por duas testemunhas, em que afirmam que, tendo sabido que queriam levar o corpo de São Lázaro, o sacerdote havia tirado secretamente a cabeça e havia substituído outra em seu lugar. Este escrito, que se leu durante a visita da catedral que fez Mons. Guilherme de Vintimille du Luc, então bispo de Marselha e depois arcebispo de Paris, tem todos os sinais de autenticidade que se podem desejar num dos mais antigos testemunhos. Tendo sido o bispado de Marselha sob São Lázaro, seu primeiro bispo, a sé mais antiga, deveria ser, ao parecer, um dos primeiros das Gálias, se a Igreja não houvesse seguido, por dizê-lo assim, na economia e distribuição das sés episcopais a ordem e distribuição da magistratura romana. São Lázaro teve ilustres sucessores, entre os quais se contam vinte e um reconhecidos por Santos. As cruéis perseguições contra os fiéis, que deram à Igreja tantos milhões de Mártires desde o ano 180 até o 306, fizeram perder o nome de grande número de ilustres prelados que governaram esta igreja durante aquele longo intervalo. Contudo, contam-se cento e seis grandes bispos que nos são conhecidos desde São Lázaro até monsenhor Henrique Francisco Xavier de Belsunce de Castelmoron, que ocupou esta sé com tanta dignidade e foi um dos mais brilhantes ornamentos do bispado, não tanto pela nobreza e fama de seu nome quanto por seu zelo ardente pela Religião, pela efusão generosa de sua inesgotável caridade, por sua eminente ciência e pela terna piedade com que edificou toda a Igreja.

São Franco de Sena, Confessor, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo

O glorioso São Franco de Sena foi natural de Grotti, aldeia da Toscana, seis milhas distante da cidade de Sena. Nasceu no ano de 1211, a 3 de dezembro. Poucas horas antes que saísse Franco a gozar da luz, sonhou sua mãe que parira um monstro horrível, o qual pouco a pouco se converteu

em homem, como a pena de sua mãe em consolo, dando-lhe o Senhor a entender a mudança de costumes que havia de ver em seu filho, passando com o tempo de ser bruto a racional e das inclinações torpes e obscenas, que em seus primeiros anos havia de seguir, à altura de virtudes e santidade com que havia de polir-lhe a Graça. Puseram-lhe no Batismo Franco, prognóstico feliz de suas melhoras; pois foi tão franco e liberal no serviço de Deus como o havia sido nos vícios. Criaram-no seus pais com amor e virtude; e chegando aos anos da discrição, puseram-no ao estudo, para o que o enviaram a Sena a casa de um parente seu, onde, ainda que gastou alguns anos, não passou de ler e escrever; porque já seu mau natural, já os maus companheiros não lhe davam lugar de aproveitar-se: o que visto por seus pais, voltaram-no a casa para pôr-lhe freio; e vendo-o já mancebo, inclinaram-no ao ofício de curtidor, que pede mais forças que engenho; mas não o continuou, porque o trabalho honesto não era para seu gênio. Morreu seu pai; e como era quem o tinha a raia, logo passou a da razão; e sem respeitar nem obedecer a sua mãe, entregou-se a toda sorte de vícios e maldades e acabou de perder finalmente o temor a Deus.

Seu trato e conversação era com homens de má vida, ladrões, blasfemos, jogadores, rufiões e mulherzinhas perdidas, daquelas que se vendem por escravas do pecado. Com tais companheiros frequentava os garitos, tavernas e lupanares, gastando os dias e as noites em convites e pendências; e como seu cabedal era nenhum, gastava à conta do que a outros roubava. Ninguém tinha segura sua fazenda nem sua mulher; porque como fera a todos ofendia: não admitia conselhos; e como frenético tinha por inimigo o médico que procurava sua cura: fugia dos virtuosos: não queria ouvir missa nem receber os Sacramentos nem entrar na igreja, senão para ver ou solicitar algumas mulheres, fazendo da casa de Deus terreno de seu apetite. Aflita de dor a pobre mãe, perdeu a vida, cuja morte foi novo título para as dissoluções de Franco. Dissipou brevemente a maior parte da herança e com ela cresceu em suas dissoluções; porque o dinheiro nas mãos de um perdulário é o mesmo que a espada nas mãos de um louco. Mas o Senhor, que, se o havia figurado monstro em sua primeira idade, juntamente na maior o delineou para Santo, dispôs sua redução, deixando-o caminhar por seu mesmo precipício; à maneira, diz Santo Ambrósio, que uma mãe deixa que se farte o filho de leite, para tirar-lhe o peito.

Abrasavam-se em guerra viva as cidades de Sena e Orvieto; e Franco, assentando praça de soldado, deu-se ao jogo e com mais dissolução aos votos e blasfêmias, com universal escândalo: tirava as mulheres a seus maridos; roubava-lhes as fazendas; e junto com outros bandoleiros nem às vidas de seus donos perdoava. Não satisfeito da força, usou também da arte para furtar mais a salvo, vestindo diversos trajes de estudante, soldado, lavrador, peregrino, borgonhês, francês, italiano e espanhol, usando barbas postiças, umas negras e outras brancas, com que enganava a todos e fazia das suas. Desta sorte o Senhor ia dando corda àquela fera: assim permitia que se deixasse arrastar de seus vícios, para que depois a experiência lhe ensinasse que são donos tiranos; e, enfim, que é primor de Deus usar de regras tortas para tirar direitas suas linhas. Tudo o experimentou assim Franco; porque, continuando seu exercício, sentou-se uma noite a jogar e, tendo perdido quanto tinha, até o vestido e sapatos, assinalando seus olhos, disse aos jogadores: Há quem queira jogar-me estes olhos? Porque desejo de quem os fez.

Ao eco desta blasfêmia respondeu o Senhor com tão grave dor e ardor neles que ficou cego de todo: com que, por inútil, e mais por sua dissolução, lançaram-no de uma fortaleza em que estava de guarnição. Vendo-se lançado e tão mal visto de todos que não havia quem lhe desse um bocado

de pão, fazendo da necessidade virtude, tomou por motivo de sua redução a miséria em que se achava. Voltou o coração a Deus; renunciou aos erros de sua passada vida; e chorando com grande amargura seus pecados, os dizia e confessava a vozes: tomava rigorosas disciplinas e, com grandes sinais de contrição, implorava a divina clemência, remindo com sua dor o tempo que havia malogrado. Limpou sua consciência com uma confissão geral de seus pecados: apagou-os com muitas penitências e lágrimas; vendeu a pouca fazenda que lhe ficava para satisfazer as muitas que havia roubado: o que fez, quanto pôde, por meio de seu confessor. Com estas diligências, despindo-se do homem velho, renasceu nova criatura vestido de Cristo. Não contente dos muitos rigores e penitências com que macerava sua carne, fez voto de vir em romaria visitar o sepulcro de nosso padroeiro Santiago. Pela falta de vista desejou levar companhia e achou-a num moço chamado Dato, que também se havia reduzido a penitência; mas como este, persuadido de seus parentes, não só se negasse a acompanhá-lo, mas também procurasse dissuadi-lo de tão bons intentos, resistiu valorosamente Franco, respondendo com grande confiança no Senhor.

Empreendeu, pois, Franco seu caminho e, a poucos passos, experimentou a mão do Senhor e sua assistência; porque se lhe aclarou um pouco a vista, e neste favor conheceu que o Senhor se agradava de seu caminho. Em breves dias chegou a Compostela; visitou o santo Apóstolo; e tendo recebido com grande devoção os santos sacramentos da Confissão e Eucaristia, mereceu que com nova luz da alma lhe restituísse o Senhor inteiramente a corporal, ficando a tantos favores ternamente agradecido e fazendo rigorosas penitências. Vendo quão bem lhe havia ido nesta romaria, determinou fazer outras não menos devotas: partiu a Roma, onde, tendo recebido a bênção e uma indulgência plenária do papa Gregório IX, gastou naquela cidade santa toda a Quaresma, a qual jejuou a pão e água, afora outras penitências e rigores; dali passou a visitar outros santuários na Itália, Nápoles e Sicília, recebendo em todas as partes grandes favores do Senhor e deixando exemplos raros de humildade e penitência. Visitou a casa angelical de Nossa Senhora de Loreto e pediu a Maria santíssima o perdão de seus antigos desacordos com grande humildade, confessando haver blasfemado dela muitas vezes. Conseguiu o perdão da Mãe de piedade; e em sinal de que estava já em sua graça, teve um soberano êxtase, no qual, aparecendo-lhe a divina Senhora, o consolou e exortou a que perseverasse em seu santo propósito.

Alentado com favor tão soberano, voltou à cidade de Sena, onde, vestido de um saco, descalços os pés e descoberta ao sol e ao frio a cabeça, deu mais alto ponto a seus rigores. Gastava as noites em oração e o mais do dia na igreja: frequentava os Sacramentos, ouvia os sermões; e desejoso de edificar os que com suas obras e palavras havia escandalizado, saía de noite pelas ruas dizendo a vozes: Pecadores, convertei-vos a Deus e fazei penitência. Ia aos lugares públicos e, desnudando suas costas, castigava-as rigorosissimamente com cadeias de ferro, dando com tão rigorosa penitência ensino para a que deviam fazer os mais divertidos. Entrava nas casas de jogo e derrubava as mesas das cartas e dados. Entrava continuamente nos cárceres e hospitais e, aplicando a cada um sua medicina, a todos deixava melhorados e fazia grandes conversões. Muitos anos gastou nestes exercícios tão úteis ao bem comum como ao proveito de sua alma: a qual, tendo-a Deus destinada à religião de sua santíssima Mãe, quis que esta celestial Senhora lhe ensinasse o caminho por onde havia de chegar a esta ventura. Estando certo dia na igreja maior de Sena, depois de seus costumados exercícios, ficou suspenso; e naquele rapto ou sono apareceu-lhe a Rainha dos Anjos, cercada de grande resplendor, e disse-lhe que, para não cair e vencer a carne,

o mundo e o demônio, deixasse o mundo, buscasse a solidão e fugisse da conversação dos homens.

Obedecendo Franco à voz celestial, foi-se a um ermo onde fabricou uma pequena choça; e escondido nela, sem mais sustento que as ervas, continuou alguns anos seus ásperos exercícios. Ali recebeu as consolações da sacratíssima Virgem em diferentes aparições; as quais em vez de fazer confiado a Franco, deu-se a mais rigorosas penitências, dobrando os jejuns, multiplicando as disciplinas e tirando do pouco sono que às noites tomava. Cingiu ao corpo uma grossa cadeia de ferro, tão estreita e apertada que se lhe incorporou na carne, com tanto desejo de mortificá-la que nem um só ponto a apartou de si até o dia de sua morte.

É a santidade como especiaria aromática, que logo se exala e difunde: assim a de Franco se exalava de sorte que sua maior mortificação eram os louvores que os povos circunvizinhos lhe davam: mas ele, como verdadeiro humilde, desejoso de fugi-los, foi-se para Grotti, sua pátria, e a milha e meia do lugar, achando um bosque fechado de matagais, no interior dele edificou uma casinha à qual não deixou nenhuma luz, onde, negado a visitas e aclamações, gastava o mais do dia e noite em oração, favorecido de Deus e de sua santíssima Mãe, que, havendo-o levado à solidão, tinham com ele doces e frequentes colóquios.

Chegou por fim o dia em que, vendo a sagrada Virgem Maria quão animosamente se portava o servo que havia escolhido para seu e de sua ordem nas diferentes pelejas e tentações que a cada passo permitia o Senhor que lhe suscitasse o demônio, assim para sua humilhação como para dar novo aumento a suas coroas, apareceu-lhe assistida de muitos cortesãos celestiais: trazia na mão direita uma grinalda de formosas flores e na sinistra o hábito de sua religião carmelita; e disse-lhe que era sua vontade que vestisse aquele hábito, na qual, se perseverava servindo-a com pureza e perfeição, seria coroado na glória com aquela grinalda. Com isto desapareceu a Mãe de Deus; e Franco, procurando obedecer-lhe, partiu ao convento dos Carmelitas de Sena: comunicou a revelação a um religioso e rogou-lhe que fosse medianeiro com o prelado para que lhe concedesse o hábito. O prior, considerando sua muita idade e que nem havia estudado para corista nem para fora do coro tinha forças, despediu-o e aconselhou-o a que perseverasse em sua vocação de ermitão; pois nela servia a Deus e edificava os fiéis. O pretendente sentiu muito a repulsa, mas alentado pela santíssima Virgem e lançando-se aos pés dos religiosos, já com rogos, já com lágrimas, conseguiu o que tanto desejava. Entraram os Padres em capítulo e com gosto o admitiram: só faltava o dinheiro para comprar-lhe os hábitos; porque não o tinha Franco, nem o convento, que com mais de quinhentos anos de antiguidade conservava sua pureza primitiva. Então disseram a Franco que era preciso que tivesse paciência até ter possibilidade para comprar-lhe os hábitos.

Ternamente sentiu o fervoroso pretendente a detença; embora não durou muito sua pena: porque a Rainha do céu, que tudo solicitava, enviou ao convento, no mesmo ponto, um Anjo em forma de gracioso mancebo que, trazendo em suas mãos já cosido e disposto o hábito da religião, entrou na peça onde assistia a comunidade e, dando-o ao prior, disse: Este hábito é para Franco; e logo desapareceu. Ficaram todos tão pasmados que em longo espaço ninguém pôde falar palavra: e quando já puderam, levantando as mãos ao céu e os corações a Deus, deram a sua Majestade e a sua Mãe santíssima as graças de que trouxesse a sua religião um varão tão filho de seus cuidados:

e Franco, não menos obrigado que reconhecido, e mais advertindo que aquele hábito era o mesmo que trazia em suas mãos a soberana Rainha Maria, derramando muitas lágrimas de ternura e gozo, ofereceu-lhe de novo seu humilde coração, por coroá-lo, a seus divinos pés.

Vendo-se com o hábito, que tomou no ano de 1279, e com a profissão a seu tempo, não é dizível os fervores com que procurou que sua vida se conformasse com o novo estado: desmentia com seu alento as carnes: a idade voltou em juventude: ninguém havia mais diligente no trabalho, mais contínuo na oração, mais fervente nos rigores, mais afeto à humildade, sendo em tudo um perfeito exemplar de que aprendiam os mais exercitados na religião. A vida que nela assentou foi nesta forma: Sua comida ordinária não passava de umas raízes de ervas e, na falta delas, pão e água; que vinho não o provava: esta comida era só os três dias da semana; porque segunda, quarta, sexta e sábado se sustentava com só a sagrada Comunhão. Sua cama era a terra nua e uma tábua. Para enjaular o corpo, fez uns aros de ferro de dois dedos de largo, ligados com umas cadeias, tão estreitos e apertados que lhe entravam pelas carnes. Lançou-se uma argola ao pescoço, para padecer de todas as maneiras, que não houvesse parte em seu corpo que não participasse de sua dor; e para guardar perpétuo silêncio, fez uma bola de chumbo de meia libra de peso e a trazia sempre na boca; e para não perdê-la, quando se oferecia tirá-la, trazia-a pendente de uma cadeia das que cingiam seu corpo. No coro sempre era o primeiro, sem faltar por isso às ocupações em que o punha a obediência. Compadeciam-se muito os religiosos: admiravam aquele espetáculo os Anjos; e até o mesmo Deus, sem dúvida, o atendia com ternura, segundo o deu a entender com o sucesso seguinte: Estava Franco numa sexta-feira contemplando os mistérios da sagrada paixão, e apareceu-lhe nosso Redentor posto na cruz, coberto das muitas chagas e feridas que padeceu no Calvário; e olhando a Franco, como consolando-se com ele, disse: Olha, Franco, quanto padeci pelos homens e quão mal o agradecem. Dito isto, desapareceu.

Com esta visão nasceu no Santo um temor filial em que, considerando quanto Deus padeceu por ele e quão pouco ele padecia, andava confuso e duvidoso se Deus lhe havia perdoado seus pecados e se eles eram a causa de que se lhe mostrasse tão doloroso quando o considerava glorioso. Para tirá-lo desta congoja, fez-lhe Deus, entre os demais, dois singularíssimos favores. Estando um dia na infraoitava do Corpus, dispondo-se para comungar, o confessor, para provar sua obediência e resignação, mandou-lhe que não comungasse aquele dia e que, reconhecendo-se por indigno de receber tão grande Senhor, se contentasse em recebê-lo espiritualmente em sua alma. Assim o fez, sem discorrer no que seu pai espiritual lhe mandou, julgando-se tão indigno como seu mestre e humildade lhe persuadiam. Sua divina Majestade aceitou o sacrifício de sua resignação; mas não quis privá-lo de seus proveitos: e assim, estando ajudando uma missa, ordenou que, quando o sacerdote partia a hóstia, saltasse uma parte dela e, voando pelo ar, se fosse à boca de Franco, servindo-lhe de Sacramento e sacerdote o mesmo Senhor, em prêmio de sua humildade grande e singular resignação.

O outro não foi menos terno; porque, estando em oração diante de um Crucifixo e receoso se estava em sua graça e amor, suplicava-lhe com instância que o tirasse daquela perplexidade; mereceu que, desencravando sua divina Majestade os braços da cruz e lançando-lhos ao pescoço, por duas vezes o abraçasse e dissesse: Franco, não tens que temer: persevera no começado, e alcançarás o que desejas. Com ser tão excessivamente grande este favor, ainda ficou Franco em suas dúvidas e receios. Para sair delas acudiu à sacratíssima Virgem Maria para que intercedesse

com seu Filho e lhe alcançasse o perdão de seus pecados. Continuando esta súplica, num sábado apareceu-lhe esta Senhora tão cercada de luz e resplendores que os que passeavam pela cidade creram que se abrasava o convento; e disse-lhe com muita afabilidade e ternura: Franco, Deus perdoou teus pecados, e todos aqueles por quem rogaste conseguiram remédio em suas necessidades e o conseguirão no futuro, se perseverares na vida começada. Entretanto, chegando muitos seculares ao convento e vendo que descarregavam as luzes e o fogo sobre a cela do Santo, assustados repetiam: «Socorrei, Padres, socorrei a Franco; porque se abrasa sua cela.» Acudiram todos e, vendo sair dela grandes chamas, repararam que nem queimavam nem molestavam. Com que se persuadiram de que o incêndio era sobrenatural, e mais quando o viram elevado no ar, os olhos abertos e voltados ao céu e tão quieto que nada podia movê-lo. Assim durou algum espaço, até que, voltando a si e vendo-se cercado de tanta gente, de tal sorte se envergonhou que, retirando-se a parte oculta, tomou uma sangrenta disciplina, castigando ao igual das culpas que fez, quando pecador, a opinião em que já estava de Santo.

Conhecendo que a penitência que havia feito por seus pecados lhe havia merecido o perdão, procurou com novo fervor continuá-la. Buscou uns agudos abrolhos e semeou-os entre o hábito e a carne para viver sempre atormentado; outros derramou numa peça retirada aonde a certas horas do dia ia passear, levando os pés descalços, e de noite, ajoelhado sobre eles, continuava três e quatro horas a oração. Fez um casco de ferro e dentro dele uma cruz, na qual e no aro daquele pôs umas pontas de aço em memória dos espinhos da coroa de Cristo; e para que não o vissem, trazia-o forrado com um casquete de pano. A esta gala da cabeça acrescentou ao corpo, para trazê-lo mais cingido e apertado, uma cota de malha cheia das mesmas pontas, a qual pode dizer-se que estimou mais que sua vida: pois com ela o achou a morte, atormentando-o todo, de maneira que, a não sustentá-lo Deus como de milagre, teria acabado brevemente a vida às mãos de suas dores.

Deu-lhe o Senhor ciência superior à sua capacidade, com a qual, sendo um homem leigo em sua profissão e rude de engenho, fazia uns sermões cheios de notícias tão proveitosas e delicadas que se conhecia bem que seu cabedal era celestial e infuso. Ouvia-o o povo com maior proveito, gosto e atenção que os sermões mais estudados dos pregadores. Seu tema era o santo Crucifixo que consigo levava, arvorando-o pelas ruas, praças e lugares públicos onde acudia mais gente, discorrendo nas finezas de sua paixão e vida santíssima. Daqui passava às casas de jogo, onde era grande o proveito de sua pregação, arrojando primeiro, como Cristo, as mesas, cartas e dados com o dinheiro, sem que ninguém se atrevesse a fazer-lhe contradição.

Com a ciência comunicou-lhe também sua Majestade o conhecimento dos sucessos futuros e do mais escondido dos corações, entregando-lhe as chaves de todos, como a tão grande amigo seu. A esta graça acompanhou igualmente a de fazer milagres, os quais foram tantos que seria nunca acabar referi-los todos.

Já havia entrado Franco nos oitenta anos de sua idade quando no primeiro dia de dezembro de 1291 lhe enviou o Senhor uma febre tão aguda que, sobre seus grandes rigores e abstinências, o debilitou muito: e ainda que com a robustez de seu espírito encobria a falta das forças naturais, contudo com o rigor da febre e lançar muito sangue pela boca deixou-o tão descaído que ao sexto dia perdeu de todo as forças: com que, por instâncias do prior e do médico, houve de pôr-se na cama. Esta foi a terra dura, até que, constrangido com a obediência, admitiu um enxergão de

palha, sem lençóis nem outra coisa alguma. Como já o Senhor lhe havia revelado o dia de sua morte e viu que já se chegava, dispôs-se convenientemente com os sacramentos da Eucaristia e Extrema-Unção; e com ternissimas lágrimas, depois de pedir perdão aos religiosos, de joelhos foi abraçando estreita e amorosamente a cada um, deixando-os a todos desconsolados ao ver que se lhes ocultava aquele sol que com o raro e singular exemplo de sua grande santidade os ilustrava.

Era já o dia onze quando, ao sair os religiosos de vésperas, chamou-os o Santo e pediu que se fossem diante do santíssimo Sacramento e lhe suplicassem que não permitisse que o acometesse o demônio naquela hora última de sua vida, por ser aquela em que ele procura com mais esforços que o homem desespere da divina misericórdia, pondo-lhe diante seus pecados. Antes de pôr-se o sol voltaram os religiosos à cela do enfermo e, dando-lhe forças o amor, fez-lhes uma prática espiritual toda divina, a cujos ecos e à presença de um resplendor divino que se desprendeu do céu fugiram as trevas e ficou clara a cidade e o convento tão cheio do resplendor celestial que parecia arder em vivas chamas. A gente, antes atônita e com tão repentina mudança consolada, acudiu logo ao convento: chegou à cela do Santo, que parecia um céu na claridade e resplendores que nela havia; e acompanhando com suas lágrimas as dos religiosos, aquele abrasado fênix, despedindo-se de todos, disse-lhes: Irmãos meus, ficai em paz. E tu, bom Jesus e Deus meu, recebe em tuas mãos meu espírito. E com estas palavras o entregou com grande quietude e consolo.

No mesmo ponto começaram a ressoar em sua cela muitas vozes celestiais que, louvando a Deus e ao Santo, em solene procissão acompanharam aquela ditosa alma a seu reino, e com eles caminhou aquela luz celestial. Toda a noite e dia seguinte a cidade velou o santo corpo, sem permitir que fosse enterrado até o dia de Santa Luzia, sendo tanta a gente que acudia, e os milagres e portentos que fazia o Santo, sanando cegos, coxos, tolhidos, mancos, leprosos, paralíticos e endemoninhados, que foi lástima que com tanta brevidade lhes tirassem aos enfermos um tão celestial e divino médico, que tão liberalmente e de boa vontade curava a todos. Mas não puderam deixar de dar-lhe a devida sepultura; porque, a não fazê-lo, não lhe deixariam cabelos nem hábitos, pois todos se os cortavam para relíquia: nem tampouco se pode dizer que se lhe tiraram aos enfermos com enterrá-lo; porque seu sepulcro era uma botica milagrosa para todas as dolências e enfermidades: pois, acabado de enterrar, fez tantos milagres, sanando endemoninhados e diversos enfermos e ressuscitando mortos, que seria nunca acabar referi-los.

Seu corpo foi trasladado no ano 1302 e colocado no altar de uma capela sua, junto com as cadeias e aros com que ligava seu corpo, a cota de malha, o casco da cabeça e a bola de chumbo, encerrado tudo numa arca muito rica: e no de 1308 o beatificou o sumo pontífice Clemente V, tendo bastantes notícias em confirmação de sua santidade e milagres e dos grandes concursos que em procissões e estações se faziam a seu sepulcro, tanto de sua pátria Grotti como de outros povos circunvizinhos. Concedeu assim mesmo o dito Pontífice missa e rezo próprio do Santo, que confirmou Deus com um milagre, enviando uma enfermidade tão penosa que tirou a vida a certa pessoa que sentiu mal de que tão cedo se houvesse dado missa própria e rezo a São Franco.

A admirável vida do servo de Deus, o glorioso São Franco, deve servir-nos de estímulo para melhorar com animosa caridade a nossa: pois nela achamos exemplo para converter pecadores, regra para formar religiosos e modelo para fazer Santos: tudo o que poderão conseguir os que se

valerem da intercessão e imitação deste prodígio da Graça, que de pecador passou a religioso e de religioso a Santo: o qual é festejado, e se reza em toda a religião do Carmo tal dia como hoje, ainda que seu glorioso trânsito foi no dia 11, como já vimos. (Rib.)

Missa (oração)

A missa que se diz em honra de São Lázaro é do comum de um Mártir Pontífice, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui beatum Lazarum, Christi discipulum, quatriduanum mortuum suscitatum, pontificio et martyrio decorasti: concede nobis ejus meritis a peccatis resurgere, et vita æterna gaudere. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que, depois de haver ressuscitado a São Lázaro, discípulo de Jesus Cristo, morto e enterrado havia quatro dias, o honrastes com o episcopado e o martírio, concedei-nos que por seus méritos ressuscitemos de nossos pecados e gozemos da vida eterna. Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 do apóstolo São Tiago.

Tiago 1,12-18

> **Latim:** [12] Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. [13] Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. [14] Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. [15] Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. [16] Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. [17] Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. [18] Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

Português: [12] Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. [13] Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. [14] Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. [15] Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. [16] Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. [17] Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. [18] Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

Reflexões

Bem-aventurado o que sofre a tentação; não o que se expõe a ela. Coisa estranha! Convém-se, vê-se que tudo está cheio de laços no mundo: não se acha a cada passo outra coisa que precipícios; o inimigo de nossa salvação dá voltas sem cessar ao redor da praça para aproveitar-se de todas as ocasiões de entrar nela: sabe-se que tem inteligências dentro dela e que seu partido não é o menos forte: todos nos dizem que singramos um mar fecundo em naufrágios; contudo, como se não houvesse perigos, como se não houvesse inimigos, como se nos faltassem ocasiões de pecar, como se as tentações fossem muito raras, expomo-nos com plena deliberação aos maiores perigos, às concorrências mundanas, a conversações ternas, a espetáculos profanos, onde a arte amontoa e reúne tudo o que há mais capaz de tentar, onde tudo se põe em prática para envenenar-nos; corre-se a eles com ânsia; e sair-se-ia deles com desgosto e com pesar se, à vista de tantos objetos sedutivos e perniciosos, se houvesse estado sem sentir nenhuma impressão. O espetáculo é um passatempo vazio e ocioso; é um agregado vivo e enganoso de tudo o que pode agradar; não tem outro fim que o de encantar o espírito e os sentidos por meio de mil embevecimentos, que o de enternecer o coração e torná-lo suscetível de tudo o que as paixões têm de mais fino e delicado. Certamente perderia o teatro tudo o que tem de gostoso, de divertido, perderia todo o seu embevecimento sem este delicioso artifício; quer-se que o espetáculo mova: a cena está fria se não irrita alguma paixão; e quando os atores nos deixam imóveis, indignamo-nos porque não souberam turbar nossa tranquilidade nem ferir nossa inocência. Vê-se neles uma escola da indevoção e do vício, aonde se corre com furor: por mais que se ponha cada lição a alto preço, ninguém se queixa do dinheiro que gasta nelas; mas que um pobre procure incitar a compaixão, diz-se que os tempos são demasiado maus para dar esmola. Jamais falta para manter o jogo, nem com que pagar um camarote ou uma cadeira nos espetáculos. Tudo o que envenena, tudo o que tenta, agrada e apraz; e depois disto atribuem-se ao demônio todas as nossas quedas: com quão pouca razão! Nós mesmos somos nossos tentadores e os autores de nossas quedas.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São João.

João 11,1-6.32-45

> **Latim:** [1] Erat autem quidam languens Lazarus a Bethania, de castello Mariæ et Marthæ sororis ejus. [2] (Maria autem erat quæ unxit Dominum unguento, et extersit pedes ejus capillis suis : cujus frater Lazarus infirmabatur.) [3] Miserunt ergo sorores ejus ad eum dicentes : Domine, ecce quem amas infirmatur. [4] Audiens autem Jesus dixit eis : Infirmitas hæc non est ad mortem, sed pro gloria Dei, ut glorificetur Filius Dei per eam. [5] Diligebat autem Jesus Martham, et sororem ejus Mariam, et Lazarum. [6] Ut ergo audivit quia infirmabatur, tunc quidem mansit in eodem loco duobus diebus ; [32] Maria ergo, cum venisset ubi erat Jesus, videns eum, cecidit ad pedes ejus, et dicit ei : Domine, si fuisses hic, non esset mortuus frater meus. [33] Jesus ergo, ut vidit eam plorantem, et Judæos, qui venerant cum ea, plorantes, infremuit spiritu, et turbavit seipsum, [34] et dixit : Ubi posuistis eum ? Dicunt ei : Domine, veni, et vide. [35] Et lacrimatus est Jesus. [36] Dixerunt ergo Judæi : Ecce quomodo amabat eum. [37] Quidam autem ex ipsis dixerunt : Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere ut hic non moreretur ? [38] Jesus ergo rursum fremens in semetipso, venit ad monumentum. Erat autem spelunca, et lapis superpositus erat ei. [39] Ait Jesus : Tollite lapidem. Dicit ei Martha, soror ejus qui mortuus fuerat : Domine, jam fœtet, quatriduanus est enim. [40] Dicit ei Jesus : Nonne dixi tibi quoniam si credideris, videbis gloriam Dei ? [41] Tulerunt ergo lapidem : Jesus autem, elevatis sursum oculis, dixit : Pater, gratias ago tibi quoniam audisti me. [42] Ego autem sciebam quia semper me audis, sed propter populum qui circumstat, dixi : ut credant quia tu me misisti. [43] Hæc cum dixisset, voce magna clamavit : Lazare, veni foras. [44] Et statim prodiit qui fuerat mortuus, ligatus pedes, et manus institis, et facies illius sudario erat ligata. Dixit eis Jesus : Solvite eum et sinite abire. [45] Multi ergo ex Judæis, qui venerant ad Mariam, et Martham, et viderant quæ fecit Jesus, crediderunt in eum.

Português: [1] ESTAVA pois enfermo hum homem, chamado Lazaro, que era da aldeia de Bethania, onde assistião Maria e Martha suas irmãas. [2] (E esta Maria era aquella, que ungio o Senhor com o balsamo, e lhe alimpou os pés com os seus cabellos: cujo irmão Lazaro estava enfermo.) [3] Mandárão pois suas irmãas dizer a Jesus: Senhor, eis-ali está enfermo aquelle, que tu amas. [4] E ouvindo isto Jesus, disse-lhes: Esta enfermidade não se encaminha a morrer, mas a dar gloria a Deos, para o Filho de Deos ser glorificado por ella. [5] Ora Jesus amava a Martha, e a sua irmã Maria, e a Lazaro. [6] Tanto que ouvio pois que Lazaro estava enfermo, deixou-se então ficar ainda douz dias no mesmo lugar. [32] Maria porém depois de chegar aonde Jesus estava, tanto que o vio, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe: Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrêra meu irmão. [33] Jesus porém tanto que vio chorar a ella, e chorar os Judeos, que tinham vindo com ella, bramio em seu espírito, e turbou-se a si mesmo, [34] e perguntou: Onde o pozestes vós? Responderão-lhe elles: Senhor, vem, e vê. [35] Então chorou Jesus. [36] O que foi causa de dizerem os Judeos: Vejão como elle o amava. [37] Mas alguns d'entre elles disserão: Este, que abrio os olhos ao que era cégo

de nascença, não podia fazer que estoutro não morresse? [38] Jesus pois tornando a bramir em si mesmo, veio ao sepulcro: e era este huma gruta: e em cima d'ella se havia posto huma campa. [39] Disse Jesus: Tirai a campa. Respondoo-lhe Martha, irmãa do defunto: Senhor, elle já cheira mal, porque he já de quatro dias. [40] Disse-lhe Jesus: Não te disse eu, que se tu creres, verás a gloria de Deos? [41] Tirárão pois a campa: e Jesus levantando os olhos ao ceo, disse: Pai, eu te dou graças, porque me tens ouvido. [42] Eu pois bem sabía que tu sempre me ouves, mas fallei assim por attender a este povo, que está á roda de mim; para que elles creião que tu me enviaste. [43] Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lazaro, sahe para fóra. [44] E no mesmo instante sahio o que estivera morto, ligados os pés, e mãos com as ataduras, e o seu rosto estava envolto n'hum lenço. Disse Jesus aos circumstantes: Desatai-o, e deixai-o ir. [45] Então muitos d'entre os Judeos, que tinham vindo visitar a Maria, e a Martha, e que tinham presenciado o que Jesus fizera, crêrão nelle.

Meditação

Da confiança que devemos ter em Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera os grandes motivos que temos para pôr em Jesus Cristo toda a nossa confiança: é nosso Deus, nosso Redentor, nosso Pai. Como nosso Deus, é onipotente; nada lhe é difícil. Sua providência divina, infinitamente sábia, de tudo cuida, tudo governa, tudo ordena a nossa salvação; não há acontecimento, não há acidente que não tenha previsto desde a eternidade e que não o permita como um meio para a salvação, se se quer fazer bom uso dele. Como Jesus Cristo não deseja tanto nenhuma coisa como nossa salvação, sua sabedoria infinita regula e ordena todas as coisas à utilidade e salvação dos que o servem; prosperidade, desgraças, riquezas, pobreza, honras, desprezos, saúde, enfermidade: tudo pode servir, tudo contribui para que os que amam a Deus obrem sua salvação. Lázaro era amigo de Jesus Cristo; que tinha que temer? Sua enfermidade bem pode ser mortal; toda a arte dos médicos, todos os remédios podem ser-lhe inúteis; Jesus Cristo o ama; isto basta; não importa que morra: o Senhor saberá ressuscitá-lo, se quer que sobreviva. Assim as irmãs de Lázaro não lhe enviam outro recado que este: Senhor, o que amas está enfermo. Oh, se nós amássemos verdadeiramente a Jesus Cristo, quão pouco cuidado se nos daria, quão pouco teríamos que temer de todos os acidentes da vida! Mas Jesus Cristo não somente é nosso Deus; é também nosso Mestre. Fez-se homem por nosso amor; e nossa redenção é a maior obra que saiu de suas mãos. Que direito não nos dá a sua bondade, a sua misericórdia, a suas liberalidades a qualidade de Redentor e de Salvador? São necessários outros motivos para inspirar-nos uma inteira confiança nele? Parece que Jesus Cristo não nos pede senão esta confiança para ouvir nossas súplicas e para outorgar-nos quanto lhe pedirmos: *Credite quia accipietis;* tende uma inteira confiança em mim e sereis ouvidos. Pedi em meu nome e tudo alcançareis de meu Pai. Não te disse que, se crês, dizia o Salvador a Marta, verás a Deus glorificado? E à vista disto, estamos faltos de confiança?

Segundo ponto

Considera que Jesus Cristo não é somente nosso Deus, nosso Redentor, nosso Salvador; mas é também nosso bom Pastor, nosso terno e amado Pai. Repassa em tua imaginação todos os nomes que toma, todas as comparações de que se serve, suas parábolas, seus milagres; e em toda a sua vida mortal não acharás coisa que não seja uma prova sensível do amor que nos tem e da excessiva ternura com que nos olha. Eu sou o Pastor bom, diz; se alguma de minhas ovelhas se extravia, é tanto o gozo e a alegria que sinto quando a encontro que me tenho por bem indenizado, por muito bem pago da pena que tive ao buscá-la. Se São Pedro teme afogar-se, ao dar-lhe Jesus Cristo a mão não lhe lança em rosto senão sua pouca confiança. Que bondade, que caridade, que atenção às necessidades dos que o seguem! *Misereor super turbas:* compadeço-me destas gentes porque há três dias que não me deixam e não têm que comer, e não quero despedi-las sem que primeiro tenham comido. Mas que milagres não faz para remediar suas necessidades? Que significa o bom acolhimento, o gozo, o banquete do pai do filho pródigo? Fazendo Jesus Cristo o retrato deste bom pai, não quis fazer o seu próprio? Enfim, sua vida pobre, seus tormentos, sua morte de cruz, a instituição dos Sacramentos e sobretudo o grande milagre, o milagre insigne de seu amor, a adorável Eucaristia, tudo nos excita a que confiemos neste bom Pai; tudo grita contra nossa desconfiança e nosso pouco amor para com um Pai tão amável, que não cessa de excitar nossa confiança por seus benefícios. E é possível que, depois de umas provas tão visíveis de sua onipotência, de seu zelo ardente por nossa salvação, do excesso de seu amor, estejamos ainda faltos de confiança?

Não, amável Salvador meu, não me faltará esta virtude em toda a minha vida; envergonho-me de haver tido tão pouca confiança até aqui; e minha dor vai fazer que de hoje em diante seja mais viva minha confiança.

Jaculatórias

O Senhor cuida de mim, jamais me faltará nada. (Sl 22.)

Ainda que o Senhor me faça morrer, não deixarei de esperar nele. (Jó 13.)

Propósitos

1. De onde nasce que tenhamos tão pouca confiança em Deus, sendo esta confiança a origem da mais doce tranquilidade, dos mais insignes benefícios, e tendo tão poderosos motivos para pôr no Senhor toda a nossa confiança? Isto nasce de que somos pouco liberais para com ele. Não lhe damos senão com dor, pela metade e tarde o que nos pede; sempre lhe negamos algo, e nossa consciência, que não sabe adular-nos, lança-nos em rosto esta ruindade e com esta justa reprensão debilita em certo modo nossa confiança e faz que não peçamos nem esperemos senão

como tremendo. Não negues a Jesus Cristo nada de quanto te peça, e logo terás muita confiança nele.

2. Dize-lhe muitas vezes com a Igreja: *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum.* Em vós, Senhor, ponho toda a minha confiança; não seja jamais confundido. Recorre com ternura a este divino Salvador em todos os acidentes da vida. Sempre que vires teu Crucifixo, renova tua confiança; sempre que comparecers diante do santíssimo Sacramento, especialmente quando comungas, derrama afetuosamente teu coração diante deste divino Salvador; nada lhe agrada mais; nada faz mais nosso seu coração que nossa confiança. Faze a miúdo esta deprecação: *Credo, Domine, sed credam firmius. Spero, Domine, sed sperem securius. Amo, Domine, sed amem ardentius. Doleo, Domine, sed doleam vehementius.* Creio, Senhor; mas fazei que minha fé seja cada dia maior. Espero em vós, Senhor; mas fazei que minha esperança seja cada dia mais firme. Eu vos amo, Senhor; fazei que meu amor seja cada dia mais ardente. Pesa-me, Senhor, de haver-vos ofendido; fazei, Senhor, que minha contrição seja cada dia mais perfeita.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:03 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:03 by Admin